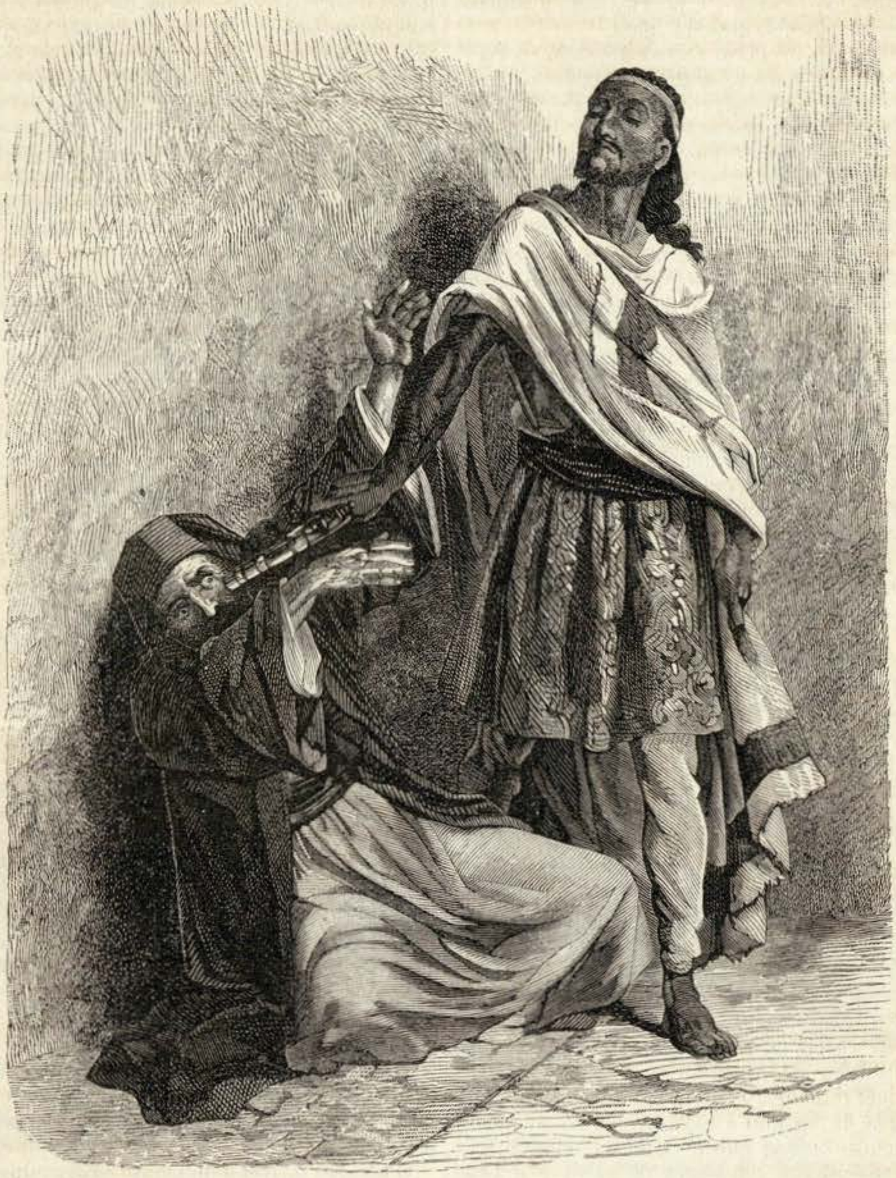


O imperador Theodoro II da Abyssinia pedindo a benção ao patriarcha de Alexandria

A insistencia com que a Inglaterra está reclamando do feroz imperador da Abyssinia, Theodoro II, os subditos britannicos retidos por elle arbitraria e injustamente desde 1863, chamou de novo a attenção do mundo civilisado para esse paiz original, e para o seu chefe, tão notavel pela sua energia e pelo seu genio organisador, quanto pela sua illimitada crueldade e pelo seu fero orgulho. Guilherme Lejean, consul francez que residiu muito tempo na Abyssinia junto da pessoa de Theodoro, e que a muito custo escapou das garras do tyranno, pouco antes de cair o raio sobre os inglezes, na sua viagem publicada no *Tour du Monde* e em artigos ácerca da Abyssinia publicados na *Revista dos dois mundos*, dá-nos sobre o celebre imperador, ou *negus*, curiosissimas informações. A gravura que hoje vem nas paginas do *Archivo* representa um dos episodios mais caracteristicos da vida de Theodoro.

O *negus* da Abyssinia é aquelle celebre *Prestes João*, cujo nome figura tantas vezes nas chronicas dos nossos descobrimentos. Esse vulto mysterioso foi para os nossos navegadores como a pedra philosophal para os alchimistas, como o Eldorado para os aventureiros hespanhoes da America. Sublimes chimeras, que sempre namorando e sempre fugindo, sempre seduzindo e sempre esvaindo-se em fumo no horisonte, alimentavam com a sua vaporosa imagem as esperanças dos aventureiros exploradores, e conduziam-n'os a mais solidas e mais sérias descobertas. As tentativas para achar a pedra philosophal foram ao mesmo tempo lançando as bases da chimica moderna; o Eldorado, essa magica cidade de diamantes e oiro, fulgida como um sonho de contos de fadas, attrahiu com o seu prestigio seductor os hespanhoes ambiciosos, que, procurando-a sempre, foram penetrando o mysterio da America interior; finalmente, o Prestes João, esse monarcha semi-fabuloso de quem se contavam maravilhas, e com o qual tanto desejavam os nossos catholicos reis pôr-se em relações seguidas, esse legendario soberano que era tido como um potentado opulentissi-

mo, e, principalmente, como um férvido christão, fez com que os portuguezes, para o encontrarem, sulcassem os mares nunca d'antes navegados, cruzassem a Africa em todos os sentidos, e aportassem, finalmente, ás plagas resplandecentes da India.

Hoje os véos do mysterio caíram de todo, o Prestes João, nome que parece, segundo a opinião muito provavel de Bruce, ser corruptela de *Hete ós djanhoi*, palavras abyssinias que querem dizer: «Escutae, ó magestade», e que frequentemente se repetem quando os subditos se dirigem ao soberano, o Prestes João está sendo representado pelo *negus* (rei dos reis) Theodoro II, homem de ferro que domou a anarchia, que estabeleceu a unidade despotica n'um paiz dilacerado por uma especie de feudalismo, e que, muito pouco respeitador do direito natural e do direito das gentes, corta mãos e pés aos seus vassallos com surprehendente facilidade, e engaiola subditos da rainha Victoria como os subditos da rainha Victoria podem engaiolar macacos.

O mais notavel de tudo isto é que a Abyssinia conserva-se christã desde os primeiros tempos da egreja. Separada do resto da christandade pelas ondas da invasão musulmana que inundaram o Egypto, o sentimento da sua nacionalidade ameaçada pelo islamismo corroborou e vigorisou as suas crenças religiosas. O christianismo persistiu, soffrendo certas modificações internas que tornam a Abyssinia um paiz muito pouco orthodoxo. Quando os portuguezes se pozeram em communicação com o *negus*, por tanto tempo intangivel, exerceram sobre elle incontestavel influencia, influencia que foi robustecida pelos jesuitas. Deixámos profundos vestigios na Abyssinia, e ainda hoje o sr. Guilherme Lejean dá conta das construcções portuguezas que lá existem, e que são notaveis pela solidez. «Parece que os portuguezes, diz o sr. Lejean, descobriram o segredo do cimento romano.» Da influencia moral é que restam menos vestigios; os jesuitas por tal fórma se quizeram ingerir nos negocios do estado, que o *negus*, anticipando-se um pouco a Clemente XIV, tomou a liberdade de os pôr no meio da rua. O odio que os abyssinios ficaram votando aos catholicos sempre d'ahi por diante poz obstaculo ás tentativas dos missionarios.

O chefe da egreja abyssinia dá-se como suffraganeo do patriarcha da Alexandria, e este, effectivamente, é quem o nomeia e envia para lá, porque uma estranha regra de ha muito estabelecida na sua constituição religiosa ordena que o chefe da religião seja sempre estrangeiro. A influencia do clero é grande n'esse paiz, e chega a fazer sombra a Theodoro II, que parece ser um sceptico de primeira força, e que, não ousando affrontar directamente a potencia rival, não perde ensejo de a rebaixar. O chefe da egreja, o *abouna*, como lá dizem, não deixa, em compensação, de tomar parte em todas as conspirações que se tramam contra elle. Theodoro vinga-se como póde. Uma vez, adivinhando por instincto de odio os principios economicos da civilisação européa, que elle aliás repelle, declarou abolidos os bens de mão-morta, e empolgou as propriedades do clero, dando-lhe em compensação um rendimento certo.

É realmente um homem original e digno da attenção da Europa este *negus* Theodoro II. Nascido longe do throno, bafejado pelo sôpro da anarchia, que fez desabrochar o seu genio guerreiro, Theodoro foi pouco a pouco impondo a sua auctoridade, até que revestiu a toga imperial, comprimindo debaixo do joelho potente essa anarchia que fôra sua mãe. Barbaro enxertado n'uma civilisação decrepita, homem de incontestavel energia e talento, é Theodoro II um mixto confuso de bem e mal. Comprime com uma das mãos a anarchia, arroja com a outra sobre as suas desgraçadas provincias o seu exercito feroz, e devasta elle proprio os seus mais florescentes territorios. Um dia, n'um accesso de raiva, poz a sua capital a fogo e a sangue. Conhecedor dos grandes beneficios da civilisação européa, põe todos os obstaculos a que essa civilisação penetre nos seus estados. Assim, por exemplo, reconhecendo as vantagens das modernas armas, não quer, comtudo, mandal-as comprar, exige que os seus subditos as imitem. Imagine-se que imitação poderão fazer os pobres homens! Nada mais comico do que o que se passou com uns europeus que lhe caíram nas mãos. Entendendo que deviam ser dotados de sciencia universal, mandou-lhes construir primeiro uma carruagem, depois um obuz. Os europeus protestaram. Theodoro deu-lhes a escolher entre a obediencia e a masmorra. Os homens, que eram uns missionarios suissos, pozeram mãos á obra. Saiu-lhes uma especie de carro de bois, que se desconjunctou no primeiro passeio, e um obuz que rebentou na primeira descarga.

Sendo muito indifferente em questões religiosas, Theodoro II entende, comtudo, que nos seus estados não deve haver senão uma religião, a antiga religião da Abyssinia. Obriga os musulmanos a converterem-se em massa, e proscreve os missionarios catholicos. Esta protecção concedida á religião de que o *abouna* é chefe, amarga-a em particular o pontifice abyssinio. É este, comtudo, uma potencia com a qual Theodoro não deseja pôr-se em guerra aberta. Homem astucioso e devasso, o *abouna* atura com o maior sangue frio as injurias e as pirraças do *negus*. Uma vez Theodoro acorda de mau humor e manda chamar o capitão da sua guarda.

— Capitão, diz-lhe elle, vae a casa do *abouna*.

— Sim, meu senhor.

— Dize-lhe da minha parte que elle não é mais do que um cão e um burro.

A mensagem não era das que valem alviçaras ao mensageiro. O pobre capitão não gostou da missão de confiança.

— Meu senhor, respondeu elle rojando a fronte no pó, as palavras de vossa magestade terão muito mais valor se forem transmittidas por um coronel; ora eu sou apenas capitão.

— É justo, acudiu Theodoro.

Mandou chamar um coronel e encarregou-o do recado. O coronel foi e balbuciou as palavras que o *negus* lhe ordenára que transmittisse. O *abouna* ouviu-o imperturbavel e respondeu apenas com um profundo comprimento.

O *abouna* é, como dissemos, suffraganeo do patriarcha da Alexandria, e, por conseguinte, este personagem ecclesiastico deve considerar a Abyssinia como dependente da sua jurisdicção. Mas no reinado de Theodoro essa dependencia tem-se tornado puramente nominal. Comtudo, quando o *negus* vendeu os bens do clero, o patriarcha David entendeu que devia intervir. Não sabia elle que essa ovelha do seu rebanho era um leão muito pouco tratavel.

Dirigiu-se, por conseguinte, com toda a sua patriarchal magestade a Gondar [1], e pediu uma audiencia ao *negus*. O *negus* recebeu-o com a maior deferencia, e ouviu humildemente as admoestações do padre. David foi-se pouco a pouco exaltando, e, como encontrava o *negus* inabalavel, ameaçou-o com a excommunhão. O *negus* não se perturbou; tirou uma pistola do cinto, encostou-a á fronte do estupefacto patriarcha e disse-lhe com voz serena:

— A sua benção, meu padre!

Era impossivel resistir a um pedido formulado com tanta humildade. David, aterrado, caíu de joelhos, e, sem perder de vista o cano da pistola, deitou com os dedos trémulos uma benção um tanto irregular á sua terrivel ovelha.

1 Capital da Abyssinia.

É esse o assumpto da gravura.

Mas o caso não parou aqui. Theodoro mandára que o patriarcha fosse alojado n'um pavilhão que ficava ao fundo dos jardins do palacio; n'um outro pavilhão parallelo estava alojado o *abouna* da Abyssinia, que ainda tinha mais raiva ao seu metropolitano do que ao *negus*. David, um pouco recobrado do susto, quando se viu no seu pavilhão, longe do alcance da pistola, sentiu a colera assoberbal-o, e, chegando á porta que deitava para o jardim, excommungou em regra o palacio, a pistola e o imperador. Theodoro deu ordem ao *abouna* que levantasse a excommunhão. O *abouna* obedeceu immediatamente. Chegou á porta do seu alojamento e readmittiu Theodoro no gremio da egreja. Foi grande a estupefacção do patriarcha David.

— Padre rebelde, exclamou elle, não sabes que és meu suffraganeo?

— Isso é lá em Alexandria, tornou o *abouna* com tranquillidade; aqui sou eu mais patriarcha do que vossê.

— Pois excommungo-te juntamente com teu diabolico amo.

— E eu excommungo-te a ti.

E, com grande jubilo de Theodoro, que esfregava as mãos nas janellas do palacio, d'onde contemplava esta scena pouco edificante, as excommunhões voaram de porta para porta, no meio das gargalhadas dos cortezãos e do espanto dos soldados, que, na sua fé ingenua, não sabiam a qual dos dois excommungadores deviam dar credito.

Diz o sr. Guilherme Lejean que Theodoro II, minando quanto póde a influencia sacerdotal, não desgosta de dar ao povo estas lições de scepticismo pratico.

No dia seguinte o patriarcha partiu para Alexandria sem pedir mais troco, e sacudiu o pó das ultrajadas sandalias nas fronteiras da heretica Abyssinia.

Isto ao menos é a comedia; mas a tragedia é que mais abunda nos fastos do reinado de Theodoro.

Ainda hoje branquejam nas solidões de Dobarek os ossos de mil e setecentos prisioneiros, que alli foram assassinados por ordem do selvagem *negus*. E que morte horrivel tiveram! Depois de lhes mandar cortar o pé esquerdo e a mão direita, o *negus* ordena que sejam desamparados! Essa mutilação produz uma sêde insupportavel! Seria cruelmente punido quem ousasse dar uma gota de agua aos pacientes, que assim expiram no meio de incomportaveis torturas.

É esse um dos castigos predilectos do feroz Prestes-João.

Deixará a Inglaterra impune o barbaro que, desprezando a inviolabilidade dos subditos britannicos, tem ha quatro annos em ferros o consul inglez e muitos dos seus compatriotas?

Parece disposta a ir punil-o, mas a difficuldade da empreza fal-a recuar.

Comtudo, a questão de honra nacional está alli tão directamente empenhada, que, sob pena de aviltamento, a poderosa dominadora da Asia não póde consentir que um tal estado de coisas continue.

M. Pinheiro Chagas.

FACTOS DO SECULO XV

(Vid. pag. 142)

II

Determinára-se el-rei D. Duarte a assignalar o seu reinado intentando novas conquistas; a facil empreza de Ceuta presagiava-lhe seguros triumphos, e os cortezãos moços e sem experiencia inclinavam-lhe a vontade, ainda incerta e receiosa. Tanger absorvia-o. Reune conselho e pratica sobre a idéa de accommetter a praça; os votos discrepam, os infantes D. João e D. Pedro tentam dissuadir o rei, não faltam razões prudentes nem conselhos sisudos [1]; estão, porém, do lado contrario os infantes D. Fernando e D. Henrique fazendo fincapé na idéa temeraria [2]. A obstinação e a cegueira levam a razão de vencida; faz-se prestes a esquadra, apercebe-se de gente de desembarque, forram-se os ouvidos contra as murmurações do povo, offerecem-se perdões, moratorias de demandas e execuções crimes e civeis aos que quizerem servir na facção [3]; o exito é de uma notoriedade secular. Tanger foi para nós o primeiro capitulo desastroso firmado pelo punho do infante D. Henrique, capitulo cuja sequencia foi escripta por D. Sebastião em Alcacer-Kebir.

O desbarate dos portuguezes trouxe comsigo o captiveiro de D. Fernando; os do conselho, entendendo que um principe dado em refens não era sómente uma caução do tratado, mas sim uma equivalencia estabelecida, desampararam o infante, fazendo côro com as allegações casuisticas do arcebispo de Braga. Nas cortes que então se fizeram, o duque de Coimbra foi de parecer que Ceuta se largasse aos moiros, e, digamol-o com lastima, no renque dos que lhe oppugnavam e contrariavam o voto estava o maior homem do paiz, e talvez do seculo, o infante D. Henrique. É que o duque de Coimbra a esse tempo (1437) tinha o coração dilatado e aquecido ao santo calor da familia, e as palavras que lhe saíam dos labios traziam ainda o perfume do ultimo beijo dos que lhe eram sangue e vida; em quanto o philosopho de Sagres, austero e pouco amoroso, como bem diz o chronista, *quaes sabem ser os homens que não tem filhos*, não via n'esse debate senão de um lado um cavalleiro, e do outro uma praça importante, que era ao mesmo tempo padrão de uma das nossas maiores gentilezas.

Mostrámos esta pagina solta do reinado de D. Duarte, porque n'ella transparece de um modo sympathico a physionomia do infante cuja vida memorâmos. Vemol-o, quando todos instigam o rei para o desastre, deitar o seu voto na balança, e procurar distrahir os olhares que se cravam fatalmente em Tanger; abortada a expedição, encontrâmol-o pugnando pela justa causa, pela causa da humanidade, pela que sobrepõe um homem a um reducto, embora sobre esse reducto, sobre essa fortaleza, páire o phantasma das tradições, vibrando a aza em geito de pendão sagrado.

Um anno depois expira D. Duarte (1438), e a isto segue-se a regencia de D. Leonor, substituida em breve pela do infante. Esta remoção do poder deu campo a dissensões, ás quaes já nos referimos no começo d'esta noticia; a rainha, valendo-se do rei de Aragão, fez com que este mandasse um embaixador a Portugal, no intuito de lhe favorecer a causa, mas o successo não respondeu ao desejo. O principe foi entregue ao regente, e D. Leonor, desenganada nas suas pretenções, vendo-se sem marido nem filho, retirou-se para Alemquer, dizem alguns que meditando projectos de vingança.

Mareava D. Pedro a nau do estado com discrição e bom aviso; amava elle as sciencias e protegia os homens letrados; o mote da sua divisa, *Desir*, indicava o empenho que tinha em bem administrar o reino que lhe fôra confiado. A brandura e a equidade encaminhavam os seus actos; o senado e o povo, por occasião de elle isentar Lisboa das aposentadorias, chegaram a pedir licença para lhe erigir um monumento [4]. Era a primeira vez que um principe recebia em vida tão significativo testimunho de bemquerença. O

1 Pina — *Chron.*, cap. XVII e XIX.
2 Leão — *Chron. de D. Duarte*, cap. VII e VIII.
3 *Orden. Affons.*, l. 5, t. 85.
4 Rui de Pina — *Chron.*, cap. LII.

contagio das estatuas, dos cippos e das lapidas commemorativas ainda por aquelle tempo não havia gafado o animo popular; não se improvisavam heroes para se desabafar o enthusiasmo em rasgos laudatorios, nem se lhes conferia no marmore a eternidade immerecida.

O infante não quiz acceitar a homenagem; dizia elle, e dizia com acerto, que não se queria expor ao risco de ver bem cedo derribar o monumento de sua gloria. É que o mundo, com todas as suas volubilidades, com todos os seus arrebatamentos ephemeros, era-lhe conhecido de sobra. Estudára-o no immenso livro das peregrinações, commentára-o em todas as phases, tivera tempo para lhe sondar os instinctos. Não diremos nós que rejeitava o tributo por excesso de severidade, mas sim por desenganado das coisas dos homens.

No entrementes, a rainha, que levára sua filha para Alemquer, se foi d'alli para as terras do prior do Crato, e, soccorrendo-se ao poderoso valimento d'este, trabalhava para acarear sequazes, e, estribando-se melhor, excitar uma sublevação geral. Descobriu o infante as machinações forjadas, e, tomando a mão na occurrencia, poz-se em som de resistir e sustentar o posto; a rainha, enganada outra vez, teve de desamparar o intento e de retirar-se para Castella [1].

Não estava, porém, terminada a contenda; o conde de Barcellos, que se apoderára de Guimarães, desafiava d'alli o poder do regente, e mostrava-se resolvido a não recuar um passo no caminho encetado. Arvorando-se em propugnador estrenuo da rainha, ameaçava o infante com as tropas que o rodeavam, e, á similhança de Martim de Freitas, embora não o movessem eguaes razões de lealdade, jurára sobre a cruz da espada luctar em prol da soberana.

Foi-o buscar o regente, seguido do conde de Ourem, filho do de Barcellos, e, em vez de batalha ensanguentada, a pendencia terminou logo por um ajustamento, em que o fidalgo rebelde depoz as armas. Por estes tempos falleceu na prisão o infante santo, D. Fernando (1443).

Alcançára D. Pedro dispensa de Roma para casar el-rei com sua filha, e, chamando as cortes e obtendo d'ellas consentimento, os esposou. D. Leonor não adormecêra, comtudo, em Castella; as pretenções á regencia inquietavam-n'a de continuo, e os embaixadores andavam de romaria até Portugal advogando-lhe a causa, inteiramente perdida.

Respondia o infante que o negocio não dependia da sua vontade propria, que lhe não chegava a alçada até poder entregar o mando áquella princeza, mas que cuidaria em fazer que se lhe pagassem as arrhas. A réplica era natural; nem pessoa alguma póde ver apêgo ambicioso ao governo quando entregal-o n'outras mãos era quasi que defeso. A rainha, cujos pensamentos de vingança eram pertinazes e inquebrantaveis, fez quanto pôde para incitar el-rei de Castella contra Portugal; desenhou-lhe a traça com côres aprazíveis, e, para que a guerra se lhe não tornasse dura pelo dispendio, deu-lhe todas as joias e alfaias que levára d'este reino. O castelhano acceitou a offerta, mas não se obrigou a dirimir o pleito. Privada de auxilio, reduzida a tal extremo de miseria que chegou a viver de esmolas, caída n'um estado de infortunio de que de certo não era merecedora, ella, a viuva de D. Duarte, envergonhada de estender a mão á caridade dos nobres, escreveu ao regente, pedindo-lhe a faculdade de voltar para Portugal, onde viveria, não como rainha, mas como irmã menor de seus proprios filhos [2]. Não teve o regente tempo para manifestar o que a compaixão e o respeito lhe inspiravam, porque a morte veiu pôr termo aos trabalhos d'esta princeza em fevereiro de 1445. Crê-se, e com bem fundada presumpção, que lhe fôra mandado dar veneno pelo condestavel de Castella, D. Alvaro de Luna.

Fizera o regente com que uma bulla do papa separasse as ordens de Santiago e Aviz da de Calatrava de Hespanha, e mandando-a publicar, com grande gosto dos portuguezes, ainda mais apertou a sua estima com os povos. Os fumos de discordia haviam-se dissipado, reinava a paz, a boa sombra da oliveira afagava a nação com o seu frescor agradavel, os reinos visinhos admiravam a prudencia e o tacto d'este piloto instruido. Mandando el-rei de Castella pedir soccorro a Portugal, o regente lh'o enviou, sob o commando de seu filho D. Pedro, a quem fizera condestavel do reino por morte do infante D. João.

Chegou o soccorro quando a guerra havia já terminado, mas nem por isso acharam os capitães portuguezes peior acolhimento em Castella. D. Alvaro de Luna, que então era o verdadeiro monarcha, não contente em hospedar os nossos com todos os extremos de galanteria, concertou em nome del-rei, seu amo, com D. Pedro o casamento d'aquelle principe com D. Isabel, filha do infante D. João de Portugal. Nada sabia el-rei do ajustamento, mas não quiz ou não pôde recusar a mulher que o valido lhe apresentava. Confirmaram-se os esposorios, e o casamento fez-se logo que o rei concluiu a sua menoridade.

Chegámos quasi ao termo da administração do infante D. Pedro, e antes de entrarmos na ultima parte da sua vida, que é aquella em que a zizania deitada no animo pueril de D. Affonso V começa a germinar e crescer, vejamos quem eram os semeadores malevolos e desalmados.

O infante, em quanto regeu, teve sempre em mira o bem geral, o allivio dos povos, a conservação das leis, a boa educação do principe, e sobre tudo o desejo firme de temperar o agastamento dos inimigos. Reconciliado com o conde de Barcellos, seu irmão natural, deixou que o arcebispo de Lisboa, um dos participantes das antigas revoltas, tornasse a Portugal; por morte de D. Gonçalo, senhor de Bragança, deu o senhorio d'aquelle logar a seu irmão, com o titulo de duque; que tinham mais que exigir da grandeza de alma do principe? Cercaram o rei, moço e inexperto, de aulicos venaes e calumniadores; pintaram-lhe o regente com as côres de que a perversidade sabe servir-se em seus discursos; disseram ser elle um homem austero e desafeito a galardoar serviços; incutiram o mau fermento que a seu tempo havia de levedar. Ora, como diz um dos nossos mais graves pensadores, «é o juizo humano assim como os moldes ou sinetes, que imprimem em cera e massa suas figuras: se o molde as tem de serpentes, toda a massa, por sã que seja, fica coberta de sevandijas, como se as produzíra e estivera corrupta; e pelo contrario, se o sinete é de figuras boas e perfeitas, taes as imprime, até na cera mais tosca [1].» Os sinetes da corte imprimiam sevandijas no espirito do principe. Havia elle recebido do regente a mais perfeita criação; fizera este por lhe dar as altas qualidades que são o verdadeiro esplendor do throno. Esta boa semente não se afogára de todo entre os espinhos, mas, assim como na parabola, sentia-se opprimida e sem poder dar fructo.

Era esta a conjuncção em que se achava a corte quando o principe entrou nos annos da maioridade.

(Continúa) E. A. Vidal.

[1] Faria e Sousa, etc.

[2] Vid. *Retratos e elogios dos varões e donas que illustraram a nação portugueza*, etc.

[1] *Arte de furtar — Protestação do auctor*, XVII.

O fim geral da educação é fazer um membro util e feliz da sociedade. O objecto da educação é formar o corpo, o coração e o espirito do educando.

Almeida Garrett.

OS MOLLUSCOS

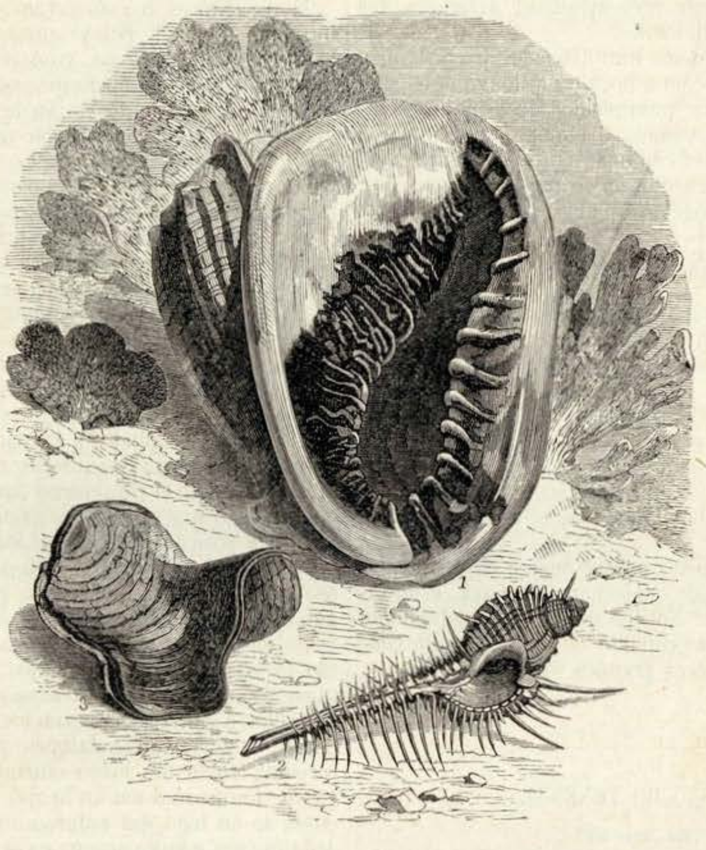
CAPACETE DE MADAGASCAR

Por longos annos foram as conchas a parte dos molluscos que attrahia a attenção dos estudiosos. Captivados da belleza e variedade das fórmas e das côres das conchas, dedicavam todos os seus estudos a conhecer as differenças que entre si apresentavam as diversas especies, a fim de as classificarem e collocarem convenientemente nas suas collecções, desprezando por este modo os industriosos artifices que produzem obras tão maravilhosas.

Para este estudo, assim restricto, foi creado o titulo de *conchyliologia*, composto de duas palavras gregas: *konchylion*, concha, e *logos*, discurso. Não obstante, porém, a etymologia do vocabulo, preferimos escrever *conchyologia*, por nos parecer mais euphonico e accommodado á nossa lingua, sem que por isso perca coisa alguma da sua significação.

No progressivo desenvolvimento das sciencias naturaes não podia subsistir aquelle titulo, que se restringia ás conchas, para com elle se designar a parte da zoologia que trata do estudo dos molluscos. Por essa razão foi substituido pelo de *malacologia*, tambem composto das duas palavras gregas: *malaco*, animal molle, e *logos*, discurso.

Por esta innovação bem se póde julgar da reforma que os sabios introduziram n'este ramo da sciencia.



1 Capacete de Madagascar — 2 Cavallo de frisa — 3 Sella polaca

Estudando tão attenta e minuciosamente a organisação dos molluscos em geral, e por conseguinte dos que são providos de conchas, como tambem a formação e feitio d'estas gentis habitações, procederam a uma nova classificação e nomenclatura, de accordo com os seus estudos e exames. Foram Cuvier, Lamarck e Blainville os primeiros naturalistas que se pozeram á frente d'essa reforma, ou, diremos melhor, os que a operaram.

Escrevendo estas breves linhas, não é nosso intento, nem nos seria agora possivel, entrar no desenvolvimento de tal reforma. O estudo dos molluscos é de per si uma vasta sciencia; e sómente a explicação das suas divisões, e dos caracteres que distinguem cada uma d'ellas, constituiria um longo discurso. Deixando, por conseguinte, a anatomia dos molluscos para os homens da sciencia, que, por meio do microscopio e do escalpello, podem examinar miudamente as funcções de cada um dos orgãos d'estes singulares animaes, trataremos, de vez em quando, do que n'elles ha mais curioso e interessante. Já por isto adivinham os nossos leitores que alludimos a essas esbeltas habitações, cujas fórmas elegantes ou exquisitas, e cujo brilho e diversidade de côres tanto contrastam com o aspecto desagradavel, e até algumas vezes repugnante, dos seres que as produziram.

A nossa gravura representa tres conchas notaveis pela diversidade de suas fórmas. A que vae marcada com o n.° 1 chama-se *capacete de Madagascar*. É uma grande concha univalve marinha, do genero que os naturalistas denominam *cassis*, e que abunda na ilha de Madagascar. A parte superior, muito similhante no feitio a um capacete, é guarnecida de varias protuberancias, um pouco agudas, e tem a côr geral de um branco sujo, ou ligeiramente amarellado, e sem lustre. A parte inferior, que é a que se vê na gravura, é tão polida e lustrosa como a porcelana. A côr é branca nas bordas, passando a um lindo rosado ou alaranjado, que mais se aviva ao dobrar para o interior. Tem a boca longitudinal, estreita e como que guarnecida de dentes em uma das bordas. Este feitio da boca e do canal em que termina, leva-

ram mr. Lamark a separar esta concha do genero *buccinus*, em que a tinha classificado Linneu, creando para ella o novo genero *cassis*, que foi geralmente adoptado, e que ao presente se compõe de varias outras especies. Não é concha rara; encontra-se em quasi todas as collecções. Possuimos um exemplar que tem uns vinte centimetros de comprimento, não sendo, por conseguinte, dos maiores que se conhecem, os quaes chegam a ter trinta e mais centimetros.

CAVALLO DE FRISA

A concha n.° 2, a que os francezes dão o nome de *rocher fine epine*, é chamada pelos nossos curiosos collecionadores *cavallo de frisa*. É uma das mais curiosas especies do genero *murex*, estabelecido por Linneu, e no qual estão comprehendidas todas as especies que constituem presentemente a familia dos *siphonostomos*, de Blainville.

É uma concha pequena, mui delicada, de côr branca ou quasi branca, e com a boca e um longo e delgado canal, que a termina, guarnecidos de espinhos compridos, finos e agudissimos. O maior dos exemplares que possuimos tem dez centimetros. É o tamanho mais regular; entretanto encontram-se maiores.

É oriunda esta especie dos mares da India.

SELLA POLACA

É este o nome vulgar dado pelos amadores á concha representada em a nossa gravura com o n.° 3; nome derivado da similhança da sua fórma com uma sella de cavallo.

É uma concha bivalve; pertence á familia das *ostréas*, e ao genero *placuna*, que encerra poucas especies. Brugnière denominou-a na linguagem scientifica *placuna sella*, nomenclatura seguida tambem por Lamarck. Linneu tinha classificado esta concha no genero *anomia*.

Vive este mollusco no oceano Indico. As suas conchas são de côr rosada, externamente baça, e no interior resplandecente. No seu maior desenvolvimento chegam a ter de comprimento de vinte a trinta centimetros. Os exemplares grandes são raros.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A VISÃO DO TENENTE

(Vid. pag. 163)

IV

O BATER DAS TRINDADES

Uma ou duas horas depois de terminar essa inutil *échauffourée*, como os proprios escriptores militares francezes lhe chamam, um official de cavallaria da legião portugueza apartava-se do acampamento improvisado pelas tropas, e internava-se sósinho e a pé n'um bosquesinho que coroava uma eminencia pendurada sobre o Danubio, e por entre cujas arvores se divisava um conjuncto d'essas pittorescas habitações austriacas, em torno das quaes corre uma larga varanda. Era uma aldeia, com a sua egrejinha campestre, cujo campanario humilde se reflectia no Danubio. Este idyllio gracioso, lançado assim no meio dos horrores da guerra, produziria um effeito similhante ao episodio de Herminia no poema do Tasso, se as paredes das casas esburacadas pelas balas, o desamparo em que jazia essa aldeia, completamente abandonada pelos seus habitantes, não inspirassem ao pensador uma tristeza ainda mais severa e pungente do que lhe inspirariam os quadros afflictivos do campo de batalha.

Comtudo, o joven official não parecia preoccupar-se muito com essas reflexões philosophicas, e a aria alegre que ia cantarolando por entre os dentes, o modo marcial como fazia tinir as esporas e a espada, mostravam que, se procurava a soledade, não era senão para expandir o jubilo que lhe inundava o peito.

Effectivamente, acabára de receber a mais suave recompensa que se podia dar a um soldado de Napoleão. Momentos antes, quando o imperador passára a galope por diante da legião portugueza, acompanhado pelo marechal Oudinot, em cujo corpo de exercito estava incluida, o marechal dissera-lhe duas palavras ao ouvido, e o imperador, parando e fazendo sair das fileiras o official, pozera-lhe ao peito elle mesmo essa estrella dos bravos, que lhe parecia agora mais bella do que todas as estrellas que principiavam a scintillar no azul do ceo.

Já os leitores reconheceram n'este heroe o nosso intrepido Raphael. Foi ás cinco horas da tarde do dia 5 de julho que recebeu, com enthusiasmo inexprimivel, das mãos do imperador essa gloriosa recompensa. Foi ás cinco horas da tarde que no largo de Carnide sentiu Maria aquella dor subita no coração.

Digamos rapidamente, antes de proseguirmos, que papel representára a legião portugueza n'essa campanha maravilhosa que a largos traços descrevemos.

Não entrou a legião nas primeiras acções d'esta immortal campanha. Partindo de Strasburgo, já fez parte dos reforços que iam preencher no exercito de Napoleão as vagas dos campos de peleja. Chegada a Augsburgo, foi empregada em destroçar guerrilhas tyrolezas que infestavam as estradas. Em Augsburgo teve a noticia da batalha de Essling, e marchou logo depois para Vienna, juntamente com outras tropas frescas. Chegou á capital da Austria no dia 28 de junho, reuniu-se ao corpo de exercito do marechal Oudinot, e, atravessando o rio, entrou em linha de combate.

Foi então que o marechal Oudinot tentou levar de assalto a posição de Baumersdorf, em quanto Bernadotte investia Wagram, e Macdonald atravessava o pequeno riacho de Russbach. Mas os austriacos, segundo dissemos, defenderam-se briosamente. Duas baterias suas cobriam de metralha a encosta. Uma divisão franceza investe com impeto, dois batalhões portuguezes acompanham o ataque; mas a chuva de metralha é horrivel. A divisão, apesar da sua intrepidez, debanda; os batalhões portuguezes hesitam e recuam; então um joven official de cavallaria portugueza, loiro como um archanjo, arroja-se, expondo-se quasi só ao fogo das baterias inimigas. Esta heroicidade fascina e enthusiasma os seus compatriotas; voltam á carga, sustentam-se, triumpham. Um ajudante de ordens de Berthier, vindo ver o que se passa por esse lado, encontra os dois batalhões firmes debaixo de uma nuvem de balas, e a divisão franceza, que, colhendo novos brios no exemplo d'esses estrangeiros, volta envergonhada á carga, e saúda com vivas e applausos a coragem verdadeiramente épica dos seus auxiliares [1]. Raphael, alferes no principio da campanha, foi promovido a tenente no campo de batalha, e recebeu, como vimos, a Legião de Honra das proprias mãos do imperador.

Como o coração lhe pulsava com ardor ao receber essa recompensa invejanda! Como n'esse instante o esplendor da gloria guerreira offuscou o scintillar já frouxo não só do amor da patria, mas tambem do amor de Maria. Se lhe restituissem a liberdade e o pozessem a caminho de Portugal, Raphael n'esse momento fugiria para se ir collocar ao lado do deslumbrante imperador.

Era bem terrivelmente fatal a fascinação que o grande homem exercia!

Encostado a uma arvore, vendo o Danubio deslisar

[1] Historico.

a seus pés, levando na corrente apressada as ultimas centelhas do sol, que se atufava ao longe nas suas aguas, doirando as cupulas mal distinctas e os terraços de Vienna que se desenhavam no horisonte, Raphael abria o espirito a todos os loucos sonhos da ambição. Via-se, depois de ganhar os postos a um e um no campo de batalha, subindo, finalmente, a marechal do imperio, tendo um ducado, um principado talvez, fazendo parte d'essa brilhante constellação militar que resplendia no ceo do imperio. Era estrangeiro? Que importava? Tambem Poniatowski o era, e toda a gente sabia que receberia o bastão no primeiro ensejo favoravel. E o sol apagava-se pouco a pouco no horisonte; as fogueiras dos dois arrayaes principiavam a accender-se, como almenaras, nos cabeços do campo de batalha, os vapores da tarde exhalavam-se lentamente do Danubio, e o arvoredo que cobria a vasta ilha de Lobau tomava não sei que aspecto mysterioso de floresta druidica.

Raphael afastou-se lentamente, atravessando a aldeia deserta. De repente ouviu uma toada de vozes portuguezas, e viu scintillar por entre as arvores o clarão de uma labareda. Aproximou-se sem que o presentissem, e divisou um grupo de soldados de infanteria da legião sentados sobre a relva, á roda de uma fogueira. Pareciam todos tristes, e um d'elles, com uma guitarra que achára meio de trazer juntamente com os petrechos militares, fazia-lhe vibrar as cordas n'um d'esses harpejos monotonos e melancolicos que são o encanto do nosso povo, perfume de melodia todo impregnado nas fragrancias da terra natal.

Raphael sentiu um doloroso aperto de coração. Vacillou, e cairia se se não encostasse a uma arvore. «Patria, patria querida!» dizia esse murmurio plangente e queixoso da guitarra. Os soldados ouviam silenciosos, e pelas faces bronzeadas de alguns d'elles corriam as lagrimas em fio.

— A estas horas, disse um, é lá na minha terra o largar do trabalho. A minha velha mãe reza por mim á Virgem, e deita azeite na lamparina que arde sempre diante da imagem sagrada.

— E a minha Joanna, exclamou o guitarrista, a minha querida noiva, volta da fonte com o cantaro á cabeça, cantando talvez a meia voz, e pensando em mim. Parece que a estou a ver com as faces rosadas e os olhos negros. Ai! noiva da minha alma!

E, acompanhando-se com a guitarra, cantou com a voz cheia de lagrimas:

A ausencia tem uma filha,
que tem por nome «saudade»;
eu sustento mãe e filha
bem contra minha vontade.

Oh! Raphael não pôde resistir! Um soluço pungitivo rasgou-lhe o peito, e o pobre tenente fugiu apertando a cabeça com as mãos.

As estrellas scintillavam no desmaiado azul do ceo; os vapores da tarde fluctuavam sobre o Danubio; as fogueiras dos arrayaes lampejavam pallidas entre a bruma; a guitarra melancolica vibrava nas mãos trémulas do noivo saudoso.

Subito, no campanario da aldeia deserta resoou, grave e triste, a primeira badalada das Ave-Marias. Jesus! Que mão ignota acordava o bronze adormecido? Ninguem estava na aldeia, e a voz do sino vibrava na solidão!

Raphael parou.

A segunda badalada gemeu no campanario.

As sombras do crepusculo desciam mais e mais sobre os campos; os vapores do rio tomavam phantasticas fórmas.

Terceira vez vibrou o sino mysterioso.

Então um vulto vago e diaphano se formou lentamente diante dos olhos de Raphael; o vapor tomou consistencia, as roupas alvas e aéreas desenharam fórmas airosas; um rosto bem conhecido, triste e pallido, se estampou no espaço. Raphael viu Maria diante de si.

— No dia em que se quebrar a corrente do nosso amor, murmurou a sombra sem que os labios se movessem, lavrou-se a minha sentença de morte. Mataste-me, Raphael.

A vaga fórma desfez-se lentamente como surgíra, dissipou-se a visão, e ouviu-se um suspiro longo e flebil, que expirou na solidão do bosque.

Raphael estivera immovel, com a fronte banhada de suor. Depois soltou um grito de desespero immenso, e fugiu como um doido na direcção do *bivac*.

A noite caíra de todo; as estrellas brilhavam no ceo, e a guitarra gemia, gemia ao longe, soltando ao vento nocturno a sua toada nacional.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

OS APOSTOLOS

Apostolo deriva de uma palavra grega, que quer dizer *enviado*, *mensageiro*, *nuncio*. A egreja chama assim aos discipulos que Jesus Christo encarregou especialmente de prégar o Evangelho pelo mundo, e aos quaes deu esta missão nos termos seguintes:

«Ide, ensinae os povos e baptisae-os em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo [1].»

Os apostolos eram enviados de Christo, como os prophetas tinham sido enviados de Deus. Estes mensageiros de Jesus foram primeiramente em numero de doze: Simão Barjona, chamado por seu Divino Mestre Céfas [2], palavra syriaca que significa *rochedo*, e que nós traduzimos por *pedra* (Pedro); André, irmão de Pedro; Thiago-maior e João Evangelista, filhos de Zebedeu; Filippe; Bartholomeu; Mattheus o publicano; Thiago-menor, filho de Alpheo; Thaddeu ou Lebeu, ou Judas-Thaddeu, o zeloso, irmão de Thiago-menor; Simão; Thomé e Judas Iscariote.

Ficando limitado este numero a onze, porque Judas se enforcára depois de haver trahido o Divino Mestre, os apostolos, sob proposta de Pedro, elegeram a Mathias para seu companheiro, completando assim novamente o numero de doze, o qual se elevou em breve a treze, pela vocação miraculosa de Saulo, depois santo com o nome de Paulo, que, sendo encarniçado perseguidor dos christãos, se tornou de subito em um dos seus mais ardentes e estrenuos defensores.

Os livros santos dão tambem o nome de apostolo a Barnabé, que acompanhou Paulo em algumas de suas missões. «Quando isto ouviram os apostolos Barnabé e Paulo [3]...» E o proprio S. Paulo designa egualmente com este nome Andronico e Junia, seus parentes e companheiros de prisão, pessoas illustres entre os apostolos. «Saudae a Andronico e a Junia, meus parentes e captivos commigo; os quaes se assignalaram entre os apostolos, e que foram christãos primeiro que eu [4].»

N'estas diversas passagens, porém, apostolo tem sentido mais generico, pois que se dá aos ministros delegados pela egreja para desempenharem as funcções do apostolado entre os gentios.

Apostolo só se refere absolutamente aos que receberam esta missão de Jesus Christo. Se Paulo foi comprehendido n'este numero, posto não seja dos doze que o acompanharam na sua evangelisação, é porque, por uma graça muito especial, foi dos chamados por Christo, «como um vaso escolhido para levar o seu nome diante das gentes, dos reis e dos filhos de Is-

1 S. Matth., cap. XXVIII.
2 S. João, cap. I.
3 Act. Apost., cap. XIV.
4 Ep. S. Paulo aos rom., cap. XVI.

rael [1].» — «Levanta-te em teus pés, lhe disse Jesus, porque eu te appareci para te fazer ministro e testimunha das coisas que viste e de outras que verás quando te apparecer de novo, livrando-te do povo e dos gentios, aos quaes agora te envio [2].»

O nome de apostolo deu-se, por consequencia, a todo o prégador que por primeira vez levou a fé a uma nação, porém ao nome d'esse prégador accrescentava-se sempre o do paiz onde prégára. D'este modo, chamou-se a S. Diniz o apostolo das Gallias, a S. Bonifacio o apostolo da Allemanha, a Santo Agostinho o apostolo da Inglaterra, e ao jesuita portuguez S. Francisco Xavier o apostolo das Indias. N'este sentido, chamam-se geralmente apostolos aos missionarios ou propagandistas.

Actos dos apostolos. É um livro onde S. Lucas registou parte da historia, não de todos os apostolos, mas de S. Pedro e S. Paulo. A que se refere a este ultimo não occupa menos de tres quartos do trabalho de S. Lucas, o que não deve admirar. Lucas foi discipulo de Paulo, acompanhou-o em muitas das suas excursões, e por isso deu o primeiro logar a seu mestre. Ora o mestre era digno da distincção.

O zelo d'este apostolo foi extraordinario; empregou tanto esforço, sob o nome de Paulo, em propagar o christianismo, como o empregára, sob o nome de Saulo, em destruil-o. Talvez nenhum apostolo mostrasse mais notavel engenho n'esta santa missão. Pedro e João eram, segundo o texto sagrado, *homines sine litteris, idiotæ* [3]. Paulo, pelo contrario, discipulo de Rabbi Gamaliel, tinha tão profunda instrucção, que o governador Testo lhe observava que a demasiada sciencia podia ser-lhe prejudicial, o que ás vezes succede aos eruditos: *Insanis, Paule; multæ te litteræ ad insanium convertunt.* É a S. Paulo que os christãos devem o primeiro desenvolvimento da doutrina cujos principios Jesus estabelecêra; e d'elle tambem recebeu a egreja a primeira disciplina.

Não havia obstaculos para a sua actividade, nem perigos para a sua ousadia. Não só implantou a fé na Arabia, na Asia menor, na Grecia, na Illyria e em Roma; mas tambem com a sua correspondencia com os fieis de Roma, Corintho e Epheso, e com os de Galacia, Macedonia e Phrygia, dirigia as egrejas onde não podia residir, e as que não podia visitar.

S. Paulo toma a qualidade de apostolo em todas as occasiões, mas na sua epistola aos galatas diz clara e positivamente que esta qualidade não dimana dos homens, mas de Jesus Christo e de Deus Padre: *Non hominibus neque per hominem, sed per Jesum-Christum et Deum Patrem* [4]. Os seus titulos ao apostolado não podem ser-lhe contestados, quando são reconhecidos pelos apostolos seus companheiros. S. Pedro, que lhe chama carissimo irmão, parece confirmar a missão de S. Paulo com estas palavras: *Secundum datam sibi sapientiam* «segundo a sabedoria que lhe foi dada.»

Ha muitas dúvidas ácerca da condição civil dos apostolos. Uns perguntam: os apostolos eram casados? Outros dizem: podiam casar-se os apostolos? Vejamos como se responde á primeira das perguntas.

Alguns dos apostolos eram casados. S. Pedro teve mulher que, segundo a tradição, o seguia a toda a parte, e, participando com elle dos trabalhos do apostolado, encarregava-se de catechisar as pessoas do seu sexo; o que, diga-se entre parenthesis, provava que S. Pedro divergia n'este ponto do parecer de S. Paulo, que prohibe ás mulheres o uso da palavra. Na epistola aos corinthios diz elle: «As mulheres que estejam caladas nas egrejas, porque lhes não é permittido fallar [5].» Affirma-se que a piedosa mulher de S. Pedro padeceu o martyrio, e que seu esposo, vendo que a levavam ao supplicio, lhe dissera com voz firme: «Mulher, lembra-te do Senhor.» Assegura-se mais que S. Pedro teve do seu casamento uma filha, chamada Petronilha, ou Pedrina, que egualmente foi martyr; é, quando menos, o que repete um escriptor segundo o testimunho de S. Clemente de Alexandria, de Santo Epiphanio e de Santo Agostinho.

S. Filippe, tambem casado, teve do seu casamento muitas filhas, das quaes só uma se conservou solteira. Judas, o zeloso, filho de Maria, irmã da Virgem, e, consequentemente, primo co-irmão de Jesus, foi casado e teve filhos, porque Hegesippa falla de dois martyres netos d'este apostolo. Sua mulher chamava-se Maria, como sua tia e sua sogra.

Em fim, S. Bartholomeu foi casado. S. Bernardo pensa que este apostolo era o noivo das bodas de Caná de Galiléa, aonde os discipulos foram convidados, e onde Christo fez o primeiro milagre, convertendo a agua em vinho. Querem outros que este noivo fosse Simão, tambem apostolo. Alguns apostolos foram, portanto, casados; isso é facto averiguado, e que o proprio S. Paulo não nega.

Se não se póde affirmar que este apostolo fosse casado, póde affirmar-se que elle não considerava o matrimonio como sendo incompativel com o apostolado, e julgava que a mulher do apostolo tinha direito á mesma consideração e respeito que seu marido. «Acaso não temos, diz elle aos corinthios [1], poder para levar por toda a parte uma mulher irmã, assim como tambem os outros apostolos, e os irmãos do Senhor, e Céfas (Pedro)?»

Tendo os primeiros christãos dado os seus bens aos apostolos, e vivendo em commum, o apostolado compunha-se desde todo o principio de duas partes distinctas: a evangelisação ou prégação, e a administração; mas como os apostolos não bastassem para tantos cuidados, a administração temporal foi entregue aos diaconos. Dedicados inteiramente ao espiritual, os apostolos que, no dia de Pentecostes, receberam o dom das linguas, levaram a fé ás mais remotas partes do antigo mundo.

Os dois Thiagos parece que não saíram de Jerusalem, pelo menos em quanto vivos, porque foi só depois da sua morte que S. Thiago-maior veiu para a Hespanha, onde as suas reliquias se guardam e veneram, como todos sabem, em Compostella.

S. João fez algumas excursões pela Asia. Prégou, segundo dizem, entre os parthos, e nas Indias. Levado, porém, durante a perseguição de Domiciano, a Roma, onde o torturaram, foi d'alli desterrado para Pathmos. No desterro escreveu o *Apocalypse*, e veiu depois a finar-se em Epheso.

S. Bartholomeu percorreu a India, a Persia, a Abyssinia, a Arabia, e consta que veiu terminar as suas excursões e existencia entre o povo armenio.

S. Filippe prégou nas duas Phrygias; S. Thomé Dydimas em Media, Caramania, Bactriana e Indias, e dizem que tambem na China, mas este ultimo facto não é geralmente acreditado; S. Mattheus prégou na Ethiopia; S. Simão, depois de ter levado a palavra de Deus ao Egypto, Lybia e Mauritania, passou á Inglaterra, segundo referem auctores antigos, e d'alli veiu morrer á Persia martyrisado; S. Judas prégou o Evangelho na Syria, Mesopotamia, Persia, Armenia e Lybia; S. Pedro, sendo primeiro bispo de Antiochia, e depois de Roma, visitou muitas provincias da Asia-menor [2], e tambem Babylonia, conforme se vê das suas epistolas [3], supponda que Babylonia não seja Roma.

(Continúa)

1 Act. Apost., cap. IX.
2 Act. Apost., cap. XXVI.
3 Act. Apost., cap. IV.
4 Ep. aos Gal., cap I
5 Ep. aos Cor., cap. XIV.

1 Epist. I aos Cor., cap. IX.
2 Na introducção da primeira epistola se diz: «Pedro Apostolo de Jesus Christo, aos estrangeiros que estão dispersos pelo Ponto, Galacia, Capadocia, Asia e Bithynia, etc.»
3 Epist. I de S. Pedro, cap. V: «A egreja, que está em Babylonia, escolhida com vós outros, vos saúda.»